

M. Santos

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Junho de 1925

N.º 6

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Augusto R. de Carvalho
Prof. Dr. José Veiga

SUMMARIO:

Revista Escolar.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geometria. 4 — Hygiene.
5 — Geographia. 6 — Physica. 7 — Anatomia.

PEDOLOGIA: 1 — Crianças timidas.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O amendoim. 2 — Animais nocivos. 3 — Os dentes e a
mastigação. 4 — O ouro. 5 — A carne e a gordura. 6 — Instrumentos de
lavoura. 7 — Animais nocivos. 8 — O arroz. 9 — A prata. 10 — O cavallo.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — A bandeira do Brasil. 2 — Contraste. 3 — Lição
proveitosa. 4 — A manhã do Zézinho. 5 — As plumas. 6 — Gigante Energia.
7 — Os filhotes de tio-tico. 8 — Tiradentes.

QUESTÕES CERAES: 1 — O civismo e o trabalho manual.

VULTOS E FACTOS: 1 — Guilomar Novaes.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — O canarinho.

PELAS ESCOLAS: 1 — Trabalhos manuaes.

JÓGOS ESCOLARES: 1 — O lanço.

NOTICIAS: 1 — Congresso pedagogico sul-americano.

SECRETARIA DO INTERIOR: Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1925

A. — E' branco com pinguinhos azues.

P. — Escreva isso no quadro negro, Lina.

A. — (Escreve.) *O vestido de Laura é branco com pinguinhos azues. Eu acho-o bonito, embora seja simples.*

P. — Que viram?

A. — Mais um erro: *pinguinhos*. Falta um *u*, entre o *g* e o *o*.

P. — Bem. E o que está Laura fazendo?

A. — Está sentada, á espera que a classe inteira lhe tire o retratinho.

P. — Optimo! Vou acrescentar isso no quadro-negro.

Vão lêr a composição e copial-a.

Na proxima lição, hão de fazer um outro retrato.

Não acharam facil?

A. — Assim, com a senhora, é facil.

P. — Ha de sêr tambem quando trabalharem sózinhas.

ARITHMETICA

NUMERAÇÃO ROMANA

O professor tirará desta lição o que fôr do programma de sua classe. Ha aqui noções que pôdem sêr repetidas, desde o começo, mesmo pelas classes adiantadas.

— Como se chamam, Luiz, aquelles numeros, que você vê no relógio?

— Sim: *numeros romanos*.

— Como estão representados esses numeros?

— Bem: por meio de letras.

— Quantas letras, porém, Leliô, se empregam para a escritura de todos os numeros romanos, a partir de I?

— (? . . .)

— Não pôde saber ainda. Olhe para o mostrador do relógio e vá dizendo as letras que vê, sem repetil-as.

— Perfeitamente: são apenas tres: o I, o V e o X — indo da letra de menor valor para a de valor maior.

— Quem sabe quanto vale I, V e X?

— Diga você, Antonio.

— Certo: I vale *um*; V vale *cinco* e X vale *dez*.

— Vá á pedra, Oscar, e escreva essas tres letras, separando-as por um traço.

— Bem. Vou-lhes ensinar outras, que não conhecem.

— Escreva, você mesmo, adiante dessas, em letras maiusculas de fôrma — L, C, D e M.

— Sente-se agora.

— Diga a classe quantas estão lá, ao todo.

— Exactamente: sete, como passo a apontar — I — V — X — L — C — D — M.

Já vimos quanto vale I, V e X.

— Quem sabe quanto vale L — C — D — M?

— Vá então você, á pedra, Ary, e escreva *cincoenta* por baixo do L; *cem*, por baixo do C; *quinhentos* por baixo do D e *mil*, por baixo do M.

— Bom. Qual a que vale menos, Pedrinho, e qual a que vale mais?

— Perfeitamente: o I vale menos e o M vale mais.

— Dessas letras, Paulo, que você vê no relógio, quaes as que estão repetidas?

— Sim: sómente o I.

— Como se escreve *dois* em romano? É *tres*? É *quatro*?

— Muito bem: com um *i*, com dois *is*, com tres *is* e com quatro *is*.

— Quem sabe si, além dessas sete letras, ha outras que podemos repetir na escrita dos numeros romanos?

— (? . . .)

— Ha, de facto, outras tres, que se repetem, além do I. Repete-se o X; repete-se o C; repete-se o M *mas, nunca mais de quatro vezes*.

— Vá á pedra, Carlos, e escreva essas letras e por baixo o respectivo valor, em arabico.

— Bom. Si eu escrevesse assim, Fonseca: — IIII, XXXX
CCCC, MMMM, como leria você?

— Muito bem. Leria 4 is, ou *quatro*; 4 xises, ou *quarenta*; 4 cês, ou *quatrocentos e 4 emes*, ou *quatro mil*.

— Quantas vezes viu a classe que se repetem o I, o X, o C e o M?

— Responda você, Benedicto.

— Exactamente. Repete-se 4 vezes cada uma dessas letras.

— Ha outras letras, Mario, que se repetem, além dessas quatro, na escrita dos numeros romanos?

— Certo: não ha; são apenas essas.

— Recapitulando: — quem é capaz de me dizer quantas são, ao todo, as *letras*, ou os *algarismos romanos*, com as quaes escrevemos todos os numeros romanos? Levantem a mão.

— Diga você, Oscar.

— Perfeitamente: — I — V — X — L — C — D — M.

— Quantas se repetem, Armando?

— Muito bem! Apenas 4: — I — X — C — M.

Sabem vocês que, com 26 letras, compomos um livro de muitas paginas; com 7 notas, compomos os hymnos e as musicas, que vocês ouvem constantemente.

Assim tambem, com estas 7 letras — I — V — X — L — C — D — M — compomos, em romano, toda a escala numerica illimitada.

— Vá á pedra, Octavio. Vamos começar pelos numeros simples. Quaes são elles?

— Sim. Escreva, então, de 1 a 9.

— Bem. Escreveu você 4 com 4 is e 9 com 1 *vê* e 4 is. Devia sêr assim; mas, combinou-se outro modo de escrever 4 e 9.

— Ponha um V ali na pedra e á sua esquerda, um I, de modo a ficar IV.

— Bem. Qual é maior: o I ou o V?

— E' evidente que o V é maior que o I. Assim, se combinou collocar uma letra *menor á esquerda* de outra maior; e isto significa que deve sêr tirado da maior o valor da menor. A *diferença* é o numero novo que se quer.

IV — é igual a 5 menos um, que é 4. *Escreve-se, então, 4,* em romano, ou com 4 is, ou com IV.

— Quem será capaz, agora, de me dizer quanto vale IX?

— (? . . .)

— Responda, Iracema.

— Perfeitamente. IX — é nove, porque dez menos um dão *note*. Nove nunca se escreve com V e 4 is.

— Quanto valerão, Adelia, XL, XC, CD, CM, que escrevo aqui no quadro? Pense bem e responda.

— Muito bem: XL é quarenta, porque cincoenta menos dez dão 40; XC é noventa, porque cem menos dez dão noventa.

— Adeante você, Lia. E CD e CM?

— Exactamente: CD é quatrocentos, porque quinhentos menos cem dão 400; CM dá novecentos, porque mil menos cem dão novecentos.

Assim como se fez essa *combinação*; assim como se fez essa *convenção* — tambem se estabeleceu outra, que é a seguinte: — um numero menor, *posto á direita de outro*, significa que deve sêr sommado o valor de ambos, para se ter um outro numero. O *total* é o novo numero. — Quanto valerão, pois, Ruth, VI, VII, VIII?

— Muito bem: valerão *seis, sete e oito*.

— Quanto valerão, Aracy, XI, XII, XIII, XIV?

— Sim: valerão *onze, doze, treze e quatorze*.

— E XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, Helena?

— Exactamente: *quinze, dezesseis, dezessete, dezoito e dezenove*.

— Como poderei escrever 20, 30, 200 e 300, Amasiles?

— Muito bem: XX, XXX, CC e CCC.

— Sabe a classe como devo escrever 60, 70, 80? Responda, você, Ismenia.

— Certo: LX, LXX e LXXX.

E 600, 700 e 800, Jacyra, como se escreverão?

— Perfeitamente: somma-se C a 500; sommam-se CC e CCC que virão DC, ou 600; DCC, ou 700 e DCCC, ou oitocentos.

— Como escreverei, Murillo, 1000, 2000, 3000 e 4000?
 — Certíssimo: M = 1000; MM = 2000; MMM = 3000
 e MMMM = 4000.

Sabem vocês, como poderei escrever 5000, 6000, 7000 etc?

— (? ...)

— Vá á pedra, Inah, e vamos vêr como é.

Escreva V e ponha um tracinho por cima do V. O \bar{V} , com um tracinho por cima, vale 5 mil. O mesmo acontece com o \bar{VI} , ou 6, e \bar{VII} , ou 7, de modo que \bar{V} , \bar{VI} , \bar{VII} , valem ... quanto?

— Muito bem: 5000, 6000 e 7000. Sente-se.

— Como escreverei, Cordelia, 5200? Vá á pedra.

— Exactamente: \bar{VCC} , ou \bar{V} , com um tracinho por cima e mais CC, ou duzentos. Sente-se.

— Como escreverá 5245. Dulce? Vá á pedra.

— Perfeitamente: \bar{VCCXLV} , como acaba de escrever.

— Quem será capaz de escrever 18736?

— (? ...)

— Vá á pedra você, Thereza; veja si o faz. Faça-o, por partes.

— Bravo! E' isso mesmo: $\bar{XVIII DCC XXXVI}$.

E' preciso que o tracinho cubra todas as casas dos milhares, ou o \bar{XVIII} .

Para escrever milhões, basta pôr mais um tracinho por cima do primeiro tracinho, de modo que o segundo cubra as casas dos milhões. Querendo eu escrever, por exemplo, 18 400 000, faria assim $\bar{XVIII CD}$, como vêem aqui no quadro.

Para escrever bilhões, poria mais um tracinho acima do segundo; e o terceiro tracinho cobriria apenas as casas dos bilhões. 18 406 236 000, em romano, se escreveria deste modo:

$\bar{X XVIII CDVI CCXXXVI}$.

— Quem será capaz de escrever o numero 46 984 231?

— (? ...)

— Bom. Felizmente vejo que quasi todas sabem. São tantas as mãos levantadas!

— Venha você, Irma, escrevel-o.

— Muito bem! Demorou um pouco, mas o fez. Sente-se.

Analysemos, agora, o que você fez.

— Porque pôz os dois tracinhos acima de \bar{XLVI} ?

— Certo: porque são 46 milhões.

— E, porque um tracinho só sobre $\bar{CMLXXXIV}$?

— Certo tambem: são 984 mil.

— E, porque nenhum tracinho sobre o final \bar{CCXXXI} ?

— Certíssimo: são 231 unidades simples.



Sabem vocês, agora, escrever qualquer numero romano, por maior que seja. Recapitulemos o que vimos.

— Vá á pedra, Nair, e escreva de 1 a 9, em romano.

— Muito bem! Sente-se. Escreveu você as unidades, ou os 9 primeiros numeros — I — II — III — IV — V — VI — VII — VIII — IX.

— Escreva, por baixo, Dolores, em arabico, os numeros de igual valor.

— Bom. Vá agora, Anna, e escreva as dezenas, começando pela menor.

— Perfeitamente: X — XX — XXX — XL — L — LX — LXX — LXXX — XC.

Escreva, você mesma, por baixo, os respectivos valores, em arabico.

— Está certo. Sente-se.

— Venha você, Candida. Escreva as centenas.

— Certo: C — CC — CCC — CD — D — DC — DCC — DCCC — CM.

Faremos, de hoje em diante, numerosos exercicios sobre a numeração romana, para que se firmem bem todas essas noções recebidas pela classe e de modo que não haja um só alumno que ignore a *escritura* e a *leitura* de qualquer numero, seja qual fôr.



A professora, para completar o ensino dos numeros romanos, fará vêr que — embora empregue 7 *signaes* — a numeração romana tambem é *decimal*. Porque o é?

Ensinará que os numeros romanos se empregam para a marcação das horas; na numeração do prefacio e dos capitulos de obras literarias e scientificas, bem como na data dos monumentos.

GEOMETRIA

SÓLIDOS GEOMETRICOS

LIÇÃO IV

O CYLINDRO

O estudo de fórmulas nos primeiros annos deve seguir sempre o methodo pratico e intuitivo. Não importa que o alumno guarde ou não o nome do sólido, das suas superficies etc, com tanto que grave a fórmula, que possa distinguil-o de objectos semelhantes.

(Sobre a mesa, varios objectos com a fórmula cylindrica e outras fórmulas.)

Professora. — (Tem nas mãos um cylindro de madeira.) Roberto, vá a mesa e traga-me um objecto parecido com este.

Alumno. — Eis aqui um, professora.

P. — Renato, vá á mesa e separe todos os objectos parecidos com este.

A. — Prompto.

P. — Agora, venha Ricardo, Reuna os objectos separados. Examine bem este objecto que Roberto trouxe. Passe os dedos por todos os lados delle.

A. — (Passa os dedos no sólido.)

P. — Feche os olhos. Diga-me si este sólido (mostrando lhe um cylindro) é igual áquelle que você examinou com os olhos abertos?

A. — E' igual, só é mais fino.

P. — Como é que você sabe?

A. — Eu conheço pela fórmula.

P. — Venha, Raul. Examine bem a fórmula deste sólido, para você, com os olhos fechados, achar ali na mesa, outro parecido.

A. — (Com os olhos fechados, acha entre os objectos da mesa um cylindro.)

P. — Muito bem! Como soube você que este era igual áquelle que você examinou?

A. — Meus dedos me contaram que elles tinham a mesma fórmula.

P. — Romeu, venha você.

A. — Pegar para conhecer a fórmula? Eu sei, sem pegar.

P. — E' melhor examinar.

A. — (Examinando.) Sim, senhora.

P. — (Dando a Romeu uma esphera.) Esse objecto é igual em fórmula áquelle que temos examinado?

A. — Nem parecido! Isto é uma bóla, uma esphera.

P. — Como é que você conheceu que não era igual?

A. — Pela fórmula.

P. — *Pegue, então, a esphera e este outro sólido. (Dando-lhe um cylindro.) Faça-os rolar.

A. — Os dois rolam.

P. — Logo, que superficies têm?

A. — Têm superficies curvas.

P. — Faça-os rolar de novo. Que nota você? Qual é o que rôla melhor?

A. — A esphera rôla melhor.

A. — A esphera rôla de qualquer jeito e este outro sólido, não.

P. — Esta superficie (mostrando) que rôla numa só direcção, é curva e alongada. Passe a mão, Raul, pela superficie curva e alongada de todos estes objectos parecidos.

A. — (Passa a mão pelas superficies curvas de varios cylindros.) Estas superficies são curvas e alongadas.

P. — (Collocando uma das superficies planas do cylindro sobre a carteira.) E' esta superficie rôla?

A. — Esta superficie não rôla.

A. — Esta superficie é plana.

P. — (Collocando a superficie plana sobre o quadro-negro passa o giz ao redor.) O que o giz desenhou no quadro?

A. — Uma circumferencia.

P. — Então, esta superficie é plana e...

A. — Plana e circular.

P. — (Segurando numa das mãos um cylindro e noutra um hemispherio, de modo que só appareçam duas superficies planas.) São eguaes estas faces?

A. — São eguaes, sim senhora.

P. — E os sólidos serão eguaes?

A. — De certo, são.

P. — Não, senhor. Qual é o outro sólido que estudámos, que tinha uma face plana e outra circular.

A. — O hemispherio.

P. — (Mostra os sólidos que tem nas mãos.) Vejam.

A. — Ah! é mesmo!

P. — (Levando ao quadro-negro um cylindro, passa o giz ao redor das duas superficies planas.) O que nota você, Ralpho?

A. — Essas duas superficies são eguaes.

P. — Vamos contar, Raphael, quantas superficies tem este sólido.

A. — (Apontando.) Esta curva alongada é uma superficie, e mais estas duas faces planas e circulares...

P. — Que são tambem...

A. — Superficies.

A. — Então, são tres superficies: duas planas, circulares, eguaes e uma curva e alongada.

P. — (Pousando sobre a mesa ora uma das bases, ora outra.) De que lado assenta melhor?

A. — Fica bem dos dois modos.

P. — Sim, qualquer destas superficies planas póde servir de base ao sólido.

A. — Então, elle tem duas bases?

P. — Sim. Lembra-se, Rodolpho, que nome têm estas linhas onde as superficies se encontram?

A. — Chamam-se *quinas* ou *arêstas*.

A. — (Passando os dedos pelas arêstas.) São duas *quinas* circulares.

P. — Estes sólidos, que aprendemos hoje, são *cylindros*. (Escreve a palavra no quadro-negro.)

Diz-se que os objectos assim têm a *fôrma cylindrica*. Diga você, Roberto, o que é isto? (Mostrando um cylindro.)

A. — Este sólido é um cylindro.

P. — Quantas superficies tem um cylindro, Ricardo?

A. — O cylindro tem tres superficies.

P. — Como são as superficies do cylindro?

A. — Duas (mostrando) são planas, circulares, eguaes; uma é curva e alongada.

P. — Quantas *quinas* tem um cylindro?

A. — Tem duas *quinas* circulares eguaes.

P. — Que objecto vemos e usamos diariamente com a *fôrma cylindrica*?

A. — O lapis, antes de se apontar, tem a *fôrma cylindrica*.

A. — A lapiseira tem a *fôrma cylindrica*.

A. — Um palmito tem a *fôrma cylindrica*.

A. — Uma chaminé tem a *fôrma cylindrica*.

A. — Um bambú tem a *fôrma cylindrica*.

A. — Alguns paus de lenha têm a *fôrma cylindrica*.

A. — As velas dos filtros têm a *fôrma cylindrica*.

A. — Quanta coisa tem a *fôrma cylindrica*!

P. — Amanhã cada um de vocês vae me dar os nomes de tres objectos de *fôrma cylindrica*.

HYGIENE

O SOMNO

O thema da presente lição parece despido de qualquer importancia. Assim julgarão algumas pessoas. Não poderão pensar do mesmo modo os professores, que precisam ensinar Hygiene ás crianças, com

QUESTÕES GERAES

O CIVISMO E O TRABALHO MANUAL

O trabalho manual é substancialmente educativo.

Como prosecução do Slojd, participando dos fundamentos deste systema, a Escola Profissional se destaca, como a escola por excellencia, para a educação moral e civica, pelos habitos que infunde.

Habitos, repito, porque a educação é o exercicio que se torna habito, caracter, sentimento e alma. E nisso está a missão fundamental, a estructura, o fundamento e a razão de sêr da escola. O mestre que sabe incutir habitos, aquelle que consegue fazer do alumno, não um automato ou abulico, mas o consciente no habito, este, sim, merece o nome de mestre.

Escrevo para os paes, não para pedagogos; falo áquelles que lêem no grande livro da vida dos filhos, não para os que só vêem a verdade nos livros; eu me dirijo, finalmente, aos que consideram a educação uma sciencia em plena evolução, e que admittem mais o parecer dos paes, embora não technicos nem pedagogos, ao invés dessa falsa sciencia que se apregôa infallivel e quer ditar leis á evolução da intelligencia e estabelecer planos rigidos e immutaveis de ensino, como si a evolução da mente da criança fôsse uma equação algebraica sujeita a formulas e soluções aprioristicas. Não; a evolução da intelligencia infantil e do caracter, varia de criança a criança, segundo a natureza de cada uma, e exige observação e methodo adequados á sua manifestação e possivel correccção.

O trabalho manual é naturalmente o methodo que facilita essas manifestações, e, pela auto-correccção, as aprimora ou corrige. E' o que se deve encarecer e louvar neste methodo, porque jámais falhou, e responde á actividade innata da criança.

Elle se nos patenteia na curiosidade com que as crianças espatifam os brinquedos, em busca de explicações; no costume

geral que têm de brincar com martelos e prégos, quebrando, pregando, construindo, destruindo — habito esse em que a providencia divina se revela como que mostrando aos paes como deveriam encaminhar a instrução e a educação de seus filhos: deixar que as crianças apreendam as verdades pelas proprias inferencias, sentindo e redescobrimdo por meio do exercicio dos sentidos, principalmente a mão e a vista, que são as portas da alma.

Esse racionalissimo methodo de ensino, em que se associa o corpo e o espirito no trabalho, para a educação integral, apresenta como resultado immediato, altamente moral e civico, a formação symetrica do individuo.

Essa formação acarreta a eliminação ou correccção das aberrações innatas, physicas e moraes, tão claramente demonstradas pelo medico e psychologo Dr. Heuer, que atira, como uma ducha gelada sobre o calor das doutrinas educativas, esta phrase concludente, mostrando a alta importancia do trabalho manual como meio de educação moral: "Não ha criança normal; para educal-a, se faz preciso, sobretudo, o methodo do trabalho manual."

Esta é a grande causa da educação, porque encerra a maior das causas nacionaes, educar e instruir utilitariamente; tão grande que não pôde ser maior, porque della depende a formação civica e economica do povo brasileiro. Não é a melhor para os que defendem o verbalismo: ensarilhar armas é mais commodo que tersal-as na peleja de crear e infundir habitos de trabalho e de acção.

Nesse combate o professor trabalha, sua e cria; a escola é o borborinho, a officina, a granja, o lar, a sociedade em miniatura. Por isso a causa da educação profissional — não instrução — é maior do que parece. Si do que vêem aqui os olhos admirados, e os applausos que arrancam a todos é muito, suas consequencias publicas e particulares são de molde a fazer desse systema de ensino a flammula de combate dum governo para a formação e cimentação de qualidades animicas na raça.

A criança e o joven não são preguiçosos por vontade; são a resultante da atrophia dos organs, da falta de exercicio e da

falta de educação. Ha nelles, por assim dizer, a tara pathologica da inercia.

Si é verdade que os exercicios manuaes do trabalho produzem profunda influencia cerebral; si é verdade ainda que, sob a acção, mais se desenvolve um lobulo que outro, pelo uso da mão direita ou esquerda, problema que faz recommendar o ambidestrisimo; si são corriqueiras, hoje, as conquistas da physiologia comparada; e si a nossa moralidade depende do funcionamento regular do cerebro, e do cerebro em connexão com o corpo — é claro que o systema que emprega a educação pelo trabalho manual, é o systema mais racional e o unico recommendavel.

A tendencia é a escola pratica; a inferencia das verdades pela observação nas construcções, inferencias e verdades essas que não permittem mais o verbalismo na escola, desde as realizações da escola "Montessori" até ás affirmações de Ben Johnson, em "The San Warch, para o ensino de geometria.

Ainda mais: Na Escola Profissional, nós empregamos o trabalho de conjunto, para a construcção de machinas, mobilias e apparatus geraes; reúnem-se os alumnos em grupos, governa o mais apto; todos obedecem; ajudam os mais fortes aos mais fracos, todos por um e um por todos; alternam-se no acabamento, para que se conclua a obra a tempo, dividindo irmanamente os lucros, sem queixas, sem questões e sem disputas.

Que é isso sinão a pratica do altruismo, o desprendimento, a caridade, a vida social, o governo do mais apto, ou o que melhor nome tenha nos varios systemas philosophicos?

A Escola Profissional tem methodos e processos seus, especiaes, que se não pôdem moldar pelos de outros quaesquer estabelecimentos educativos, onde não se emprega o trabalho manual, ou, si o fazem, não tem a orientação e a finalidade que damos. E, como plano de acabamento dessa orientação, organizamos a republica escolar como centro de educação moral e civica; estabelecemos fórmulas e funções, damos attribuições a seus membros, modelando-a o mais approximadamente possivel, pela organização do Paiz.

Aqui me acóde á mente um trecho de A. Campos, na "Casa de paes, escola de filhos".

"E" mais proveitoso dardes como presente a vosso filho um armario, para que elle mesmo adquira o habito de arrumar os seus brinquedos, dispôr a sua roupa com ordem e com methodo . . ."

E' o habito da ordem, é o habito da economia, é o methodo, que são objectos da educação manual — habitos esses, que, absolutamente, não se adquirem com palavras, mas, fazendo, trabalhando.

Mais vale aos paes, que têm olhos de vêr e ouvidos de ouvir, uma phrase simples, mas que demonstre uma conclusão logica, uma observação pessoal, que todo o psittacismo das fantasias e abstracções.

Então, para ajustar os nossos fins á organização do Estado-Escola, procurámos uma fórmula que abraçasse e respeitasse o espirito pratico do Estado e o methodo educativo da Escola.

A idéa pratica, o exercicio, os habitos moraes e civicos, postos em acção, um apparatus, mas com originalidades, é orientação acertadissima; embora se applique desta ou daquela maneira, é sempre idéa pratica.

O Estado-Escola cresceu: o enthusiasmo se apossou dos rapazes, que hoje me não dão trabalho com a disciplina, com as iniciativas e promoções de festividades, jogos e commemo-rações.

Afastei-me por completo da associação; todavia, deixei uma ponte, um representante diplomatico do Director, pessoa da minha confiança, que me traz informado, e é um conselheiro junto aos rapazes para conter os naturaes arroubos de sua imaginação, porque o meu afastamento é na apparencia: afastei-me para melhor observal-os e corrigil-os.

Finalmente, que é que se visa com essas organizações escolares?

Não é formar habitos civicos, não é republicanizar o povo, habilitar o joven pela pratica a exercer as funções que, mais tarde, terá forçosamente que desempenhar na vida social, de que é elemento integrante?

Que distancia ha de escola a escola, de povo a povo, de nação a nação, quanto ao criterio da pratica e da utilização da escola!

O Japão, após a guerra com a China, se viu esbulhado dos fructos da sua victoria, pela Russia, que sempre lhe fôra fatal.

Sahi o Japão humilhado, diminuído e pobre.

Mas, intelligentemente, não perdeu tempo; o inimigo era a Russia; o entrave era a Russia; a barreira ás suas pretensões era a Russia. Vença-se a Russia! O Japão appellou para o mestre-escola.

Em todas as escolas, por todos os recantos do paiz, das mais pobres aldeias ás grandes cidades, as escolas organizaram a santa propaganda, inculcando ns crianças o sentimento da desforra, a idéa fixa do inimigo, que era preciso vencer, para subir.

A parte fraca do inimigo era o mar; as escolas primarias, note-se, não as de marinha, immediatamente, iniciaram a pratica das coisas do mar, e prepararam a guerra maritima.

Numa bacia de folha, num alguidar em muitas outras, numa simples celha, as mais ricas em um tanque, faziam evoluir uma nau de madeira ou de lata, dessas que servem de passa-tempo ás crianças em casa e nas praias.

A' hora das recreações, a petizada em róda, lá estava o mestre: carrega á bolina, olha a barlavento, e a nau virava; volta a estibordo, alça os traquetes, subam as bujarronas, colhe a bolina, larga! Empavezava-se o massame, desapareciam as vergas, tomadas pelos panos das velas, pandas, tumefactas...

Na areia armavam-se dunas, canaes, bacias e estreitos; e ali, aquella nau de lata, cellula que seria o Mikasa, da estuenda victoria da Formosa, corria, levando alto, alegre, apaixonada, a alma das crianças do Japão, que, á hora da chamada ás armas, accorreu toda, joven, entusiasta, amiga do mar, para offerecer-se em holocausto á Patria, e colher a sublime victoria, que collocou o Japão no primeiro plano das nações do mundo.

O inimigo do Brasil é a ignorancia; vença-se a ignorancia!



ESCOLA PROFESSIONAL MARCULINA — CAPITAL

Semeie-se a carta do ABC e as ferramentas do trabalho, não separadamente, mas unidas, confundidas, de modo que o joven cresça em força e em intelligencia, harmoniosamente.

Pois bem: essa orientação, que deixa entrevêr também para nós a possibilidade de encaminharmos nossos filhos para que sejam homens de verdade, capazes de viverem por si sós, sem tutelas, capazes de criarem seu proprio futuro essa orientação acaba de ser focalizada pelo Sr. Secretario dos Negocios do Interior de São Paulo e posta em pratica pelo Prof. Pedro Voss, Director da Instrução Publica, com o novo programma das escolas, programma esse que ha de marcar época como a de Cezario Motta, porque faz da escola um como apparelho de preservação social, enquadra-a nas normas sociaes, economicas e politicas das democracias de verdade.

Aqui me acóde a phrase de Kropotkin:

“Eu quero uma sociedade em que os homens e as mulheres pensem com os proprios cerebros e ganhem a vida com o trabalho de suas mãos.”

APRIGIO GONZAGA.



PELAS ESCOLAS

TRABALHOS MANUAES

Um paiz só poderá sêr grande e respeitado, sob todos os pontos de vista, quando grande fôr considerado o povo que o constitúe.

Deante os multiplos exemplos que estamos sempre observando na vida social, ninguem tentará negar que a grandeza dum povo é um reflexo da sua perfeita educação.

Na educação moderna, o ensino profissional occupa lugar de destaque.

A Allemanha, os Estados Unidos, a Belgica, a Suissa, a Inglaterra e mais algumas nações, conquistaram posições invejáveis em todo o meio universal, principalmente pelas aptidões technicas de seus povos, porque, nesses paizes, o ensino profissional é um facto.

O Japão, em 1900, quasi nada fazia sobre esse ensino, porém, no curto espaço de cinco annos, graças ao patriotismo de seus estadistas, attingiu a uma posição digna de invejar-se sob o ponto de vista technico e profissional, e pôde assim egualar-se, em muitos pontos, com os adeantados paizes europêos.

Na Argentina, as escolas profissionaes multiplicam-se visivelmente.

Precisamos tambem cuidar, com carinho, da educação do nosso povo, para podermos conquistar uma situação invejavel em aperfeiçoamento technico.

Precisamos aprender a trabalhar, porque o trabalho é o factor principal que muito concorre para o engrandecimento do Brasil.

Felizmente, em nossa Patria, e principalmente em nosso grandioso Estado, o ensino profissional já é ministrado em tres graus distinctos: inferior, nos jardins da infancia, por meio de exercicios de Frœbel; médio, em todas as escolas pri-

marias, pelos trabalhos manuaes; superior, nas escolas normaes e profissionaes.

Nestas modestas linhas, farei todo o possivel para demonstrar o poder educativo dos trabalhos manuaes.

A pratica deste systema de educação, factor primordial da regeneração de nossa raça, traz como consequencias immediatas os seguintes principios de grande valor pedagogico:

a) concorre para o desenvolvimento physico, fortalecendo a iniciativa pessoal e aperfeiçoando a capacidade inventiva e o gosto esthetico;

b) desperta na criança grande amor ao trabalho desenvolvendo tambem o poder de sua atenção.

O processo inicial do ensino de trabalhos manuaes, em qualquer estabelecimento de instrução primaria, é facil e em nada dispendioso.

É bastante procurarmos alguns productos vegetaes de nossa riquissima terra, com os quaes poderemos ensinar ás crianças, manufacturas de inumeros e uteis objectos.

Os proprios alumnos, encarregam-se, gostosamente, de trazer a materia prima, que poderá sêr constituída por alguns vegetaes muitissimos conhecidos, taes como: taboia, pery, bucha, barba de bóde, palha de milho etc.

Com esse material as crianças, auxiliadas por um professor estudioso e habil, poderão aprender a feitura duma grande variedade de objectos de usos domesticos.

Esse processo de ensino, mais uma vez demonstra o verdadeiro e nobre objectivo da escola primaria moderna: — promover a educação popular completa e não simplesmente ensinar a lêr, escrever e contar.

EVILASIO A. SOUZA.